

Isabel Capelo Gil

Discurso Dia da Universidade 2026

Por uma diaconia da cultura

Sua Eminência Reverendíssima, Magno Chanceler da UCP, D. Rui Valério;

Sr. Presidente Prof. Cavaco Silva,

Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa,

Excelências Reverendíssimas, srs Bispos,

Srs Embaixadores,

Sr Presidente do CRUP, Srs Reitores e Vice-Reitores de Universidades Portuguesas,

Srs Comandantes de Escolas Militares,

Sr Presidente do Instituto para o Ensino Superior, Prof. Joaquim Mourato

Srs Bastonários da Ordem dos Médicos e da Ordem dos Advogados

Antigos Reitores da UCP,

Srs. Vice-Reitores, srs. Pró-Reitores, senhora Administradora,

Senhores Membros do Conselho Superior,

Senhores Diretores de Faculdades, Institutos e centros de investigação,

Sra Presidente da Alumni Católica,

Senhores Professores, estudantes e colaboradores da UCP,

Srs Presidentes das Associações de Estudantes,

Novos Doutores pela UCP

Monsieur Philippe Starck,

Benfeiteiros e distintos *alumni* da UCP,

Demais autoridades religiosas, civis e militares,

Distintos convidados, caros amigos e caras amigas,

O Papa Leão XIV na Carta Apostólica “Desenhar novos mapas de esperança” salienta que as universidades católicas têm uma tarefa crucial, “oferecer uma ‘diaconia da cultura’ (9.3). Se diaconia, fazendo jus ao seu étimo grego, significa sobretudo um gesto de serviço, uma diaconia da cultura, no coração da atividade de uma universidade católica, tem um significado triplo. Significa a universidade entender-se como instituição que serve a sociedade e a cultura em geral através do gesto formativo que a define; significa olhar a própria cultura, com as suas manifestações diversas e coloridas, como serviço à própria ideia de universidade; e finalmente assinalar que a universidade produz cultura e é ela própria parte integrante da tessitura cultural envolvente.

Assim, ao ser compreendida, na sua vocação mais profunda, como diaconia da cultura, a universidade afirma-se como criadora e não reproduutora, como espaço de transmissão responsável e de desenvolvimento autónomo da pessoa. Na sua origem histórica na Europa, a universidade nasce do reconhecimento de que a cultura é o lugar onde o ser humano se comprehende a si mesmo, interpreta o mundo e projeta o seu futuro, assumindo a responsabilidade de formar pessoas capazes de pensamento crítico, de discernimento ético e de compromisso com o bem comum.

A centralidade da cultura na ação da universidade manifesta-se na investigação, no ensino e na extensão universitária. A investigação não é apenas produção de dados, mas busca de sentido; o ensino não é simples instrução, mas introdução a uma tradição viva de saberes e inovação face ao futuro; e a extensão não é mera aplicação prática, mas diálogo fecundo com a sociedade e com os seus desafios culturais, sociais e históricos.

Mas há algo de mais profundo nesta diaconia, neste serviço de e à cultura. O nosso presente confronta-se com uma crise de legitimidade dos fundamentos das formas de vida em comum. Se tradicionalmente o desenvolvimento societal se foi fundando em formas de legitimação do domínio do sagrado, do simbólico, do mítico, hoje a legitimação do nosso modelo de sociedade faz-se crescentemente

por via da afirmação tecnocientífica, tecnocrática como referia o Papa Francisco, algoráctica (uma fusão de algorítmica com tecnocrática).

Temo-nos vindo crescentemente a definir como uma sociedade da causalidade, segundo Jean-Luc Nancy, na sua obra final (*Cruor*), fundada na razão suficiente (Nancy, 2021: 47), que busca controlar a relação social, o desenvolvimento económico e científico, mas também os fenómenos naturais, os movimentos societais, políticos, a gestão das emoções, através de uma racionalidade causal. Dedicamo-nos a construir modelos matemáticos que geram dinâmicas económicas e sociais, a antecipar pandemias, projeções sobre a ação das catástrofes naturais, estudos de prospetiva. E afinal, mitigar o risco presente e controlar o futuro com base numa lógica de causalidade apenas demonstra os limites da razão humana para lidar com a realidade. O crescimento de modelos algorítmicos preditivos busca controlar a insuficiência da razão humana ao mesmo tempo que ameaça a possibilidade da continuidade dessa mesma razão. A este propósito é relevante referir as afirmações do CEO da Anthropic, uma das mais relevantes empresas tecnológicas do presente, Dario Amodei, em janeiro deste ano no ensaio ‘The Adolescence of Technology’. Depois de ter apresentado e defendido o sonho de uma civilização eticamente madura fundada nas valências de modelos de inteligência artificial generativa para melhorar a vida das pessoas em *Machines of Loving Grace*, Amodei faz um ato de contrição. Olhando o tempo presente, vê a humanidade a atravessar um ritual de passagem, turbulento e inevitável, face à disponibilização de um poder inimaginável para o qual as sociedades não têm maturidade social, política, e mesmo tecnológica. Vive-se num tempo de adolescência, tanto de humanos como da máquina, Amodei considera que o grande teste da IA dificilmente pode ser controlado por regulação política, mas que o objetivo último de atingir a sociedade de harmonia entre máquinas e humanos, depende do nosso caráter como espécie e do cultivo de um sentido de propósito. ‘It will depend on our spirit and on our soul.’”

A adolescência é um tempo turbulento de busca de sentido para as coisas. Uma IA adolescente almeja maturidade, mas está incompleta, é problemática, alucina, é feita para servir a humanidade, mas é frágil, potencialmente disruptiva, com explosões de violência. Neste momento de transição, considera Amodei, que a humanidade deve necessariamente prosseguir um propósito que não se correlacione com a lógica aritmética e da causalidade. Que possa, afinal, reforçar a busca do sentido do mundo no cultivo da criação, na leitura das histórias, na contemplação da arte. Apenas esta busca de sentido profundo permitirá, cultivar a máquina e, segundo Amodei, educá-la para a graça. Também a adolescência da máquina exige uma diaconia.

Ora a diaconia da cultura resulta na Carta Apostólica do Papa Leão XIV de um impulso real em direção a uma educação superior que é farol e não refúgio nostálgico, que está sempre na vanguarda, e que se afirma como laboratório do discernimento e inovação pedagógica. A urgência da constelação de mapas de esperança que dá nome ao texto é tão só a de rejeitar a padronização, deixando de ver os estudantes segundo perfis de competências, mas educando-os para serem cidadãos eticamente responsáveis, pessoas íntegras, profissionais competentes. A diaconia da cultura ao serviço deste mandato sugere o reanimar da imaginação para o florescimento da humanidade.

E na verdade, já estivemos aqui. A legitimação do presente é a grande questão da modernidade tecnológica há mais de cem anos. É a questão com que se debate a personagem principal do romance de Rainer Maria Rilke de 1910, *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*. O jovem Malte procura na capital por excelência da viragem do século, Paris, um sentido para a vida numa sociedade marcada pelas grandes transformações tecnológicas da II Revolução Industrial, por extraordinários avanços da ciência, pelo alargamento da participação política, mas também a radical alteração de formas de pertença comunitária, social e familiar, e sobretudo uma forte crise de identidade. Perante a desorientação que Paris lhe provoca, é justamente através da contemplação da arte e na leitura que Malte

começa a encontrar o sentido para o mundo e para si próprio. Num momento do romance descreve uma experiência que ainda hoje é partilhada por todos aqueles que visitam uma jóia no centro da cidade: o Museu de Cluny e o ciclo de 6 tapeçarias do século XV conhecido como ‘La Dame a la Licorne’. Na observação introspetiva destas peças, Malte começa a ‘conhecer’ e a tentar compreender, articulando a realidade exterior com o conhecimento sobre si próprio e o seu lugar no mundo: “A contemplação é uma coisa tão maravilhosa e da qual tão pouco sabemos. Viramo-nos totalmente para fora e quando o fazemos surgem-nos coisas que estavam como que à espera de serem observadas.”, mas que na realidade “se realizam em nós,” (Werke, 996). O episódio do museu de Cluny é instrumental para o percurso de Malte que, como diz no início do romance, tem como objetivo aprender, a ver. “Aprendo a ver”, diz, o que significa no contexto desta narrativa, conhecer o mundo tecnológico que o envolve, orientar-se nele, conhecer-se a si próprio. E fazê-lo através da mediação da arte.

A Universidade é justamente uma instituição que dá a ver, que potencia a possibilidade de conhecer em total liberdade e com autonomia. A sua função é a de orientar o caminho, de ajudar a navegar o campo muito fértil da informação. O nosso papel não é prescrever a partir da cátedra, mas orientar no caminho a partir do diálogo à volta da mesa¹. Para construir um caminho sólido devemos valorizar o erro no percurso do sucesso, não podemos querer formar profissionais que pretendam emular a capacidade de computação da máquina, mas indivíduos capazes de construir legítimas relações, com sentido, e valores, além da simples razão suficiente.

O recentíssimo relatório da European University Association ‘Adopting AI that serves the needs and values of universities’, salienta justamente a inquestionável abordagem humano-cêntrica na, também ela, inevitável adoção de Inteligência

¹ “Universidades católicas devem oferecer uma diaconia da cultura: menos cátedras e mais mesas, onde nos possamos sentar em conjunto sem hierarquias inúteis, para tocar as feridas da história e buscar, com o Espírito, uma sabedoria que nasce da vida do povo.” (Leão XIV, “Desenhar novos mapas de esperança”)

Artificial pelas instituições de ensino superior, ao mesmo tempo que reforça a necessidade de integrar esta adoção com estratégias institucionais que respeitem a missão das instituições, que preservem a integridade académica e sejam fundadas em valores, assegurando a representatividade de diferentes perspetivas e grupos, a inclusão e a justiça.

Na Católica, na senda de um entendimento institucional da universidade como espaço de experimentação, de universidade-estúdio, está em curso um processo triádico de transformação: o primeiro, a transformação organizacional; em segundo lugar, a reforma pedagógica e curricular e finalmente um ambicioso plano de desenvolvimento infraestrutural. No primeiro plano, termina em 2026, o projeto Athena de transformação organizacional, que reestrutura os serviços transversais da universidade criando direções corporativas nacionais que, na senda da revisão estatutária de 2023 e apoiando-se na nossa forte cultura institucional, aproximam a universidade de modelos organizacionais mais coesos em termos nacionais, eficientes e flexíveis, permitindo um acompanhamento próximo da jornada do estudante. No campo da transformação académica, salientamos dois eixos: fomentar a inovação e formação pedagógica para docentes, acompanhando a integração de novas metodologias e a utilização ética de IA (na docência e investigação), sobretudo desenvolvido a partir do Católica Learning Innovation Lab, e bem assim a introdução do novo currículo core UCP-Nova Geração que cria 3 áreas de formação obrigatória creditada para todos os 1ºs ciclos na UCP. O primeiro núcleo do currículo partilhado integra unidades curriculares de identidade e missão, o segundo designado ‘Novas humanidades’, inspira-se na tradição dos *curricula* de artes liberais, enquadrando os desafios sociais contemporâneos nas grandes questões trabalhadas pelo saber humanístico: a dimensão ética da coexistência humana, os direitos fundamentais e a justiça, ou a organização da convivialidade em democracia. Finalmente, o terceiro núcleo trabalha o futuro digital, assumindo que a computação e a programação deixaram de ser disciplinas de nicho para se tornarem pertinentes a qualquer formação

universitária. Na sua essência prática, estas disciplinas enfatizam a resolução de problemas, cultivando o chamado “pensamento algorítmico” ou “pensamento computacional”, que permite compreender esses mesmos problemas, conceber soluções e apresentá-las de forma precisa e lógica, sem descurar nunca uma formação centrada e desenvolvida a partir da integralidade do humano. Finalmente, no âmbito do grande plano de desenvolvimento infraestrutural da UCP a 5 anos, está desde já em curso o início das obras do Campus Veritati e a reforma da Clínica Dentária, em Viseu.

O espírito inquieto de experimentação da Católica continua a manifestar-se na relação com o tecido empresarial. O programa de pré-aceleração Forward da CLSBE fomenta em equipas multidisciplinares de alunos um espírito de ambição e inovação, instando-os a acreditar, a saber falhar e ter sucesso, a não descurar a ambição com sentido de impacto na sociedade. Este é um espírito estruturante da comunidade UCP, que se manifestou no reconhecimento como Universidade mais Empreendedora de Portugal, no ranking da Start-Up Portugal e em 2025 no ranking da Redstone University Ranking, tendo como referência o número de *alumni* fundadores de start-ups.

Mas inquietude não deixa de ser serviço, e serviço da e à cultura. As sociedades democráticas, como escreveu a filósofa americana Martha Nussbaum, dependem de um quadro imaginativo, isto é, dependem de signos, narrativas agregadoras que dão sentido ao presente. Dependem também do reconhecimento de artistas, escritores, designers e das suas linguagens próprias, como modos privilegiados de relacionamento com o mundo, que assim se torna mais próximo e mais acessível. A arte constitui, na verdade, uma forma particular de prestar atenção (Stanley Fish), que complementa, substitui ou supera a legitimação racional e causal da existência, afirmando o uso e a fruição estéticas como contributos nodais para uma vida melhor. Este potencial imaginativo é também intrínseco à ideia de universidade e revê-se também na forma como se identifica e dá a ver.

Quando olhamos para a identidade visual de uma instituição vemos também o que ela representa. A identidade institucional de uma universidade nunca é estática. Traduz a forma como a instituição se percebe e quer ser percebida no seu tempo. Por isso, inauguramos hoje o resultado do rebranding institucional da UCP. Foi um trabalho demorado da equipa de Marketing com todas as partes interessadas na universidade e que reflete três dimensões fundamentais: a continuidade da missão e a renovação da linguagem, a evolução das instituições num mundo em transformação e a inovação artística que é intrínseca a uma instituição em transformação. O novo logo mostra-se como um gesto de fidelidade dinâmica enquanto se reexprime para um novo tempo.

Reconhecemos hoje, neste dia da universidade 53 novos doutores, a quem dou os meus mais enfáticos parabéns, desejando que continuem a desenvolver o conhecimento como serviço. Reconhecemos ainda 24 colaboradores, exemplo máximo de serviço dedicado à instituição e que celebram em 2026, 25 ou 40 anos de serviço. E reconhecemos também uma figura maior da arte e do design, outorgando o título de Doutor Honoris Causa a Philippe Starck, para quem o design é não só uma atitude de criatividade e inovação e uma forma de pensar, mas um contributo essencial para a vida em comum.

Cher Philippe Starck, votre œuvre porte une conviction forte: le design n'est pas un luxe réservé à quelques-uns, mais un langage au service du plus grand nombre. Vous avez défendu l'idée d'un design à finalité sociale, capable de simplifier la vie, d'améliorer l'usage. Cette vision rejoint une exigence essentielle: mettre la création au service de la dignité humaine et du bien commun.

Votre lien avec Lisbonne et avec le Portugal s'inscrit dans cette manière d'habiter le monde: attentive aux personnes, aux lieux et à la réalité vécue. Ici, vous avez trouvé un espace de dialogue et d'inspiration; et, en retour, votre présence et

vos collaborations ont enrichi notre paysage culturel, en rappelant que la beauté n'est pas un privilège, mais un bien à partager.

C'est précisément ce que nous célébrons aujourd'hui, en cette jour de l'Université placée sous le signe d'une diaconie de la culture. Servir la culture – et, à travers elle, servir la société – signifie pour nous accueillir ce qui élève l'intelligence et le cœur, promouvoir l'accès de tous au savoir et à la création, et encourager une appréciation éthique de la beauté et de l'art: une beauté qui n'exclut pas, qui n'éblouit pas pour dominer, mais qui éclaire, relie et responsabilise.

Votre conception du design entre en résonance avec cette diaconie. Elle montre que l'objet, l'espace, la forme ne sont jamais neutres: ils orientent nos comportements, ils traduisent des choix, ils peuvent inclure ou exclure. En cherchant une beauté utile, une simplicité intelligente, une qualité partageable, vous rappelez que créer, c'est déjà prendre soin; et que l'esthétique, lorsqu'elle est authentique, peut devenir une pédagogie du respect, de la sobriété et de l'attention à l'autre.

En vous décernant ce doctorat honoris causa, l'Université Catholique du Portugal reconnaît une œuvre majeure et une vision profondément convergente avec sa mission: élargir l'accès, former des consciences, et mettre la culture au service de l'humain. Recevez, Monsieur, nos félicitations et notre gratitude; et permettez que cet hommage s'inscrive, avec force, dans l'engagement que nous renouvelons aujourd'hui: une diaconie de la culture pour le Portugal, et pour le monde.

Muito obrigada!